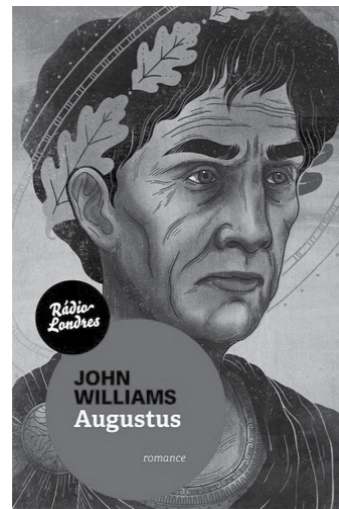




2018 - Nº 20
BELO HORIZONTE
MARÇO

5
0
+
i
r
c
s
u
c
b



**AUGUSTUS**

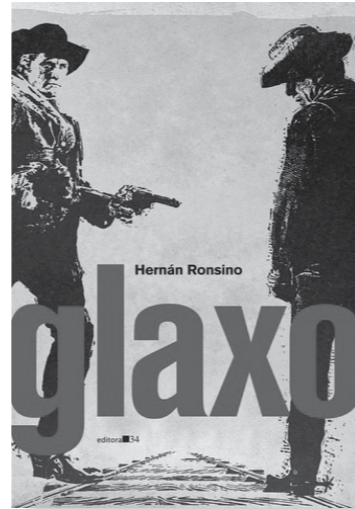
Ed. Rádio Londres

Narra a trajetória de Caio Otávio, conhecido mais tarde como Augusto, primeiro imperador de Roma e figura fascinante.

**BLADE RUNNER**

Philip K. Dick – Ed. Aleph

Edição especial de 50 anos do clássico que inspirou o filme Blade Runner.

**GLAXO**

Hernán Ronsino - Ed. 34

Breve e contundente novela em uma cidade do pampa argentino; o pano de fundo é o fechamento da única fábrica da região.

**ESPERANDO BOJANGLES**

Olivier Bourdeaut – Autêntica

Conta a história de uma família no equilíbrio entre o amor e a loucura. Nina Simone é a "trilha sonora" da obra.

**MAIAKOVSKI: POEMAS**

Vladimir Maiakovski - Perspectiva

Antologia, com tradução de Augusto e Haroldo de Campos, mostra a evolução da obra do poeta russo.

Sugestões**Livraria Ouvidor**

Simone Pessoa

**Ateu****rachel de queiroz**

Do livro O brasileiro perplexo (1964)

Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem que era ateu. Naquele pequeno povoado onde morava não existia nenhum outro ateu igual a ele, de forma que o coitado vivia em grande isolamento. Mas era orgulhoso e não se queixava, mesmo quando se sentia mais solitário, por exemplo nos dias de domingo em que todo o povo da terra ia ouvir missa e ele ficava vagando entre as árvores da praça; ou na véspera de Natal, quando as pessoas só se preocupavam com o Presépio e com a Missa do Galo. Tocavam os foguetes, os sinos repicavam, todo o mundo se alegrava e ia ceiar, mas o ateu declinava os convites que lhe faziam: não tendo rezado não se achava com direito à ceia, pois ele com ser ateu não deixava de ser honesto; trancava-se em casa e ficava de vela acesa, lendo um dos seus livros de ateísmo. E, se alguma das pessoas vindas de longe para assistir às festas naquele povoado, estranhava a silhueta do homem solitário a ler junto à fresca da janela e perguntava por que não estava ele na missa ou na ceia, o povo da terra explicava:

– Ele não pode, coitado. É o nosso ateu.

No mais, o ateu vivia como os outros. Trabalhava no seu ofício, plantava couve e orégano no quintal, criava dois cachorros perdigueiros e, à boca da noite, tomava parte na roda dos conterrâneos que conversavam sentados nos degraus do chafariz. E quando a conversa tocava em assunto de religião sempre havia uma observar:

– Você, que é ateu...

Mas, então chegou um ano em que o nosso ateu, por diversas razões, parece que deu para se sentir ainda mais só. Esqueci de contar que ele era solteiro. Embora a cidade alimentasse um certo orgulho em possuir aquela singularidade – um ateu público-, as moças não sentiam coragem de casar com um homem assim marcado e que, mal expirasse, iria decretado para o inferno. Veio uma peste canina e matou os dois cachorros perdigueiros; parecia castigo para mais agravar a solidão do pobre ateu. E os livros dele, de tão lidos e relidos, já não lhe contavam mais nada. De dia, o trabalho ajudava a fazer companhia; e de tarde tinha os amigos. Mas nessas eras antigas os homens eram muito religiosos e grande parte do tempo levavam na igreja: de manhã era a missa, de tarde o terço, de noite a novena e, a qualquer pequena festa, as procissões. E nessas horas numerosas em que toda a gente se metia na igreja, o ateu saía de casa, sentava à sombra do cruzeiro, sentia o cheiro bom do incenso queimando nos turíbulos, e lhe dava uma

certa vontade de entrar, de ver o dourado nas vestes dos santos, e escutar o belo latim do padre. Mas continha-se; que diria o povo se o visse lá dentro?

Outras ocasiões de inveja tinha-as nos dias de procissão, quando todos os seus amigos vestiam uma opa de seda colorida e iam carregar o andor, as varas do pálio ou os tocheiros acesos, e ele ficava nas esquinas, as mãos penduradas dos cotovelos, na sua roupa velha do diário. Então voltava a trabalhar, embora fosse dia de festa, e ninguém se scandalizava com isso pois todos compreendiam a sua condição de ateu, embora lhe lamentassem a desventura.

E foi aí, na altura do fim desse ano, apareceu uma moça – por sinal sobrinha do padre – que se apaixonou pelo ateu. Como começou ninguém sabe, mas o amor tem disso: vai passando uma moça pela rua, vê um homem que toda a vida viu, e de repente sente um baque no peito e está amando aquele homem. Ele a princípio ficou apenas enternecido ante os olhos que ela lhe puna, tão doces e amigos; mas depois, descobrindo-se amado – ele, a quem ninguém amava-, começou a amá-la também.

E todas as pessoas do lugarejo lamentavam os namorados, sabendo que podiam pensar em casamento, queo padre não iria entregar a sua ovelhinha inocente às mãos de um ateu confesso.

Assim chegou o Natal e foi arumando o Presépio e começou a romaria dos visitantes que iam beijar o pé do Menino. E a namorada do ateu deu de teimar que ela a acompanhasse nessa visita obrigatória. Ele dizia que não e só com muito custo consentiria em entrar na sala e ficar a um canto, enquanto ela fizesse a sua devoção. Mas assim a rapariga não aceitava:

– Que é que custa um beijo? Você não me beija? Ele sorria:

– Mas você é gente, é de carne e eu lhe quero bem. O Menino, como vocês chamam, é um bonequinho de louça.

A moça argumentou que de louça também era a xícara que ele levava aos lábios e não lhe fazia mal nenhum. Ele então alegou o seu amor-próprio. Afinal era o ateu dali, o único. A moça nesse ponto começou a chorar, a dizer que se ele tinha mais amor-próprio do que amor a ela estava tudo acabado. O ateu se assustou com a ameaça e consentiu, embora constringido. Acompanhou à moça triunfante; entrou na fila atrás dela, enfrentou os olhares de espanto. De um em um, os devotos paravam diante da manjedoura, dobravam o joelho, rezavam uma jaculatória e beijavam o pé do Menino. Chegou a vez da namorada que, feita a sua reverência e dado o beijo, virou-se e sorriu para o seu bom ateu, a fim de o animar. Ele correu o olhar em torno e viu em todos o mesmo ar de animação e esperança. Resolveu-se: dobrou o joelho áspero, curvou a cabeça sobre os pezinhos do santo. E sentiu debaixo dos lábios, não o frio da porcelana, mas o calor da carne, o movimento, a pulsação da carne. Ergueu os olhos assombrado. Encarou o Menino e viu que Ele lhe sorria radioso, e dos olhos lhe saía uma luz que jamais olhos de louça teriam.

Dizem que o ateu caiu no chão, com os braços em cruz, chorando e adorando. E naquela noite de Natal acabou-se o único ateu do povoado. Mas dizem também que ele não se casou com a namorada. Não podia, pois largou tudo e foi ser frade.

Fotografia

Alexandre Biciati

superid@gmail.com

fotógrafo e designer gráfico

editora

a.ramalhete.bh@gmail.com

Rua Domingos Vieira, 319, sala 1008,
B. Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG

(31) 2535-1901 - www.editoraramalhete.com.br

CONTROLE

sempre o momento seguinte
ou logo adiante do que já
não é.

Agora o plano
Planificar
Viver sobre a prancheta
Definição do prazer.
Surpresa estabelecida
Morte com silenciador
é vida?

massimo pirfo

Do Livro: Escritos Avulsos
Editora Manuscritos

CADA VEZ

cada vez que se fecha os olhos
para que a realidade não nos oprima
ou um pouco menos
faz-se necessário salientar
que assim não se dá bom dia
não se vê diante do espelho amarrotado ou não
a felicidade fugitiva do vento no vestido
despercebido a fitarcom o erotismo
e a utilidade de abrir olhos e boca para as frutas
e às gentes ocasionaisde toda estirpe,
cada vez que se fecha os olhos
rezando assim parase ter um individuo
singular ou dois
quicá
ou não se tem ninguém muito prestativo
e novamente encontra-se motivos
para fechar os olhos
e não quero egoísmo presente
em todos sem empatias
com esse tanto de miséria comportamental
cada vez que se abre os olhos.

maíra vasconcelos

mairav@gmail.com

REVERSO

Quis campear, fazer diabruras, na mata virgem
Faltou coragem
Entender os outros um pouco mais, sem tanto esforço
Faltou talento
Escutar relatos sob o ficus grande, em noite escura
Faltou figueira
Percorrer a lagoa, de ponta a ponta, entre os currais
Faltou canoa
Perscrutar histórias de pescaria, na casa velha
Faltou avô
Deitar na rede, dormir profundo, acordar molhado
Faltou menino.

francisco chagas lima e silva

Do livro: Humanâncias

ENCANTAMENTO

Você agora
é arco-íris
sol de Três Barras
cristal
de São Gonçalo do Rio das Pedras
- Um caminhão transporta estrelas
do Pico do Itambé
- Um raio corta de fora a fora
os céus do Serro

adão ventura

PONTO FINAL

Habitarei para sempre
o desvio do seu olhar,
a vertigem da curva inesperada,
a gentileza necessária aos acenos matinais.

Nunca mais seus abraços,
apenas as vírgulas de meus monossílabos,
o intransitivo de seu objeto.

Para sempre reticências.

nadya maciel

nadyamaciel2@gmail.com
Do agridoce das retinas - Ed. Ramalhete

A PROPÓSITO DE TUDO
OU DE NADA

Um Pé de Botina solitário
no acostamento da estrada
não conseguiu por roto acompanhar
o andarilho que no descalçou
na urgência do despropósito
e prosseguiu seu eterno ir
carregando tralhas baldias
e uma procissão de vira-latas
cujo entre eles o derradeiro: farejou
prendeu entre dentes e arrastou
por algum tempo até se perceber
distante dos companheiros de vadiagem.
Daí largou-a onde a vejo
Para alguma serventia
Sabe-se lá a que vem
Essa botina perdida
Na estrada e no verso
Abandonada pelos cães
E o andarilho barbudo
Cabelos encaracolados de pó
E idéias caracoladas de nuvens
Que quero seguir, mas não posso.
O imaginário enredado nesse Pé de Botina
Sujo e esfarrapado no asfalto.

josé alcebíades frola

Do livro: Pequeno tratado da arte de abrir janelas
Ed. Asa de Papel

REINO MINERAL

Quem te fez assim soturno
quieto reino mineral,
escondido chão noturno?

Que bico rói o teu mal?
Quem antes dos sete dias,
te argamassou em seu gral?

Quem te apontou para onde irias?
Quem te confiou morte e guerra?
Quem te deu ouro e agonias?

Quem em teu seio de terra
Infundiu a destruição?
Quem com lavas em ti berra?

Quem te fez do céu o chão
Quieto reino mineral?
Quem te pôs tão taciturno?

Que gênio fez por seu turno
antes do mundo nascer:
a criação do metal,
a danação do poder?

Invenção de Orfeu, Canto Primeiro, XI

jorge de lima



Robin Hood da Quebrada

Alfredo Lima nasceu em São Sebastião do Bom Sucesso, distrito de Conceição do Mato Dentro, interior mineiro. É licenciado em Letras e mestre em Literatura Brasileira. É professor de História da Arte e Literatura Brasileira na rede particular de ensino. Iniciou seu percurso literário com a publicação da antologia "Baralho 734: poesia urbana", em 2002, resultado do primeiro contato com as ruas do centro de Belo Horizonte. A partir das primeiras experiências didático-pedagógicas, publicou o livro "Café literário e outros encontros", 2006. Desde 2011, trabalha como produtor cultural na Cena Cursos Livres de Teatro, na comunidade do bairro Nacional. Contagem-MG. Em 2013, em parceria com o Zezim do Salão, criou o projeto de incentivo à leitura intitulado Livros em todo lugar. Em 2014, lançou o livro de contos "A terceira portada lua", pela editora Asa de Papel. No ano de 2016, publicou "Um estranho para o céu", título infantojuvenil pela Franco Editora. A partir desse mesmo ano passou a publicar crônicas em temporadas específicas em seu blog www.alfredoescritor.com.br. E no ano de 2017 deu início ao projeto Baú Vermelho, série de indicações de livros para crianças. As obras são sugestões da estudante Cecília Lima, filha do escritor.

Leia, a seguir, entrevista que Alfredo concedeu a **Manuscritos**.

~~~~ Você é professor e escritor, podemos dizer que também seja um militante e divulgador da literatura?

O livro é parte da minha vida. Tudo que consegui até aqui esteve relacionado aos livros: a opção pelo curso de Letras com ênfase em Literatura, o mestrado na área, a carreira de escritor, entre outros percursos. Não consigo me imaginar longe da literatura. Penso que seja uma espécie de missão apresentar essa arte aos alunos e moradores do bairro Nacional, em Contagem. Militante? Bem, com ações do projeto "Livros em todo lugar", posso dizer que sim. Sou um militante. Uma amiga caracterizou esse perfil ao afirmar, certa vez, que sou o "Robin Hood da Quebrada". Isso porque o projeto tem como objetivo tornar a obra literária mais acessível aos moradores. Investimos em doações de obras diversas. E quando surge um brother interessado em um determinado título, a gente corre atrás, batalha e consegue. Não roubando, é claro (risos); mas com a ajuda dos parceiros. Por meio do Projeto, livros de ricos vão parar nas mãos daqueles que não têm condições de consumir, entre tantas coisas, literatura.

~~~~ Além das atividades citadas você desenvolve um trabalho com o teatro. Há uma correlação entre elas?

Leandra Pacífico, minha esposa, sim é da área do teatro. Além de atriz e professora, realiza as montagens da Cena Cursos Livres. Eu fico na parte da produção. Mas, mesmo não sendo ator, confesso que o teatro influencia diretamente meu trabalho em sala de aula, sobretudo no que diz respeito aos jogos teatrais. Não consigo imaginar a carreira de professor sem diálogo com as artes cênicas. Desde 2014, desenvolvo com alunos as chamadas "invasões", os saraus e mais recentemente as performances literárias. De onde tiro essas ideias todas? Do teatro, arte impura que purifica nosso cotidiano.



Foto: Bruno de Oliveira

~~~~ Em sua escrita há uma forte ligação com o urbano, a cidade, e a realidade da rua. Esta é uma fonte de inspiração permanente em seu dia a dia?

Minha trajetória de escritor pode ser dividida em antes e depois da rua. Aprendi com Machado de Assis, João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Vaz, entre tantos outros escritores, a explorar esse espaço. Depois de publicar "A terceira porta da lua", isso ganhou mais fôlego, fez mais sentido. Na rua sou todo mundo e não sou ninguém, porque sou vilão, fantasma, bailarino e uma espécie de vendedor de destinos. Todos os gêneros estão lá. A rua é um rio de ruídos no tecido roído das horas. O seu silêncio é um grito! Glória na história de quem vira a página, sopra uma lágrima. Crônica: seus encantos, ruídos, sua conversa fiada, tensa em seus contos de pico na veia; a complexidade dos romances; a eterna poesia dos seus lances. Quebrar a esquina é virar apenas uma página.

~~~~ Qual sua posição em relação ao futuro do livro impresso?

O livro impresso vai permanecer por muitos e muitos anos. Antes de me acusarem de romântico ou ultrapassado, confesso que as pesquisas vêm demonstrando esse quadro. Segundo o Publishnews, em matéria veiculada na última semana, nos Estados Unidos, as vendas de livros impressos cresceram 1,9% na comparação com 2016. Por outro lado, os digitais tiveram queda de 4,4% só no primeiro semestre de 2017. Percebo isso no cotidiano escolar, com muita facilidade, no processo de adoção de títulos. Mesmo divulgando para os alunos a existência da versão digital de uma determinada obra, 97 % opta pelo livro impresso. Refiro-me ao universo de adolescentes. Se pensarmos o formato do digital para as crianças, o impresso lidera. Que continue assim (risos).

~~~~ No seu cotidiano com os alunos, o que você observa que os leva para a literatura, o que os motiva a ler e os inspira a escrever?

Trabalho com alunos na transição do Ensino Fundamental para o Médio. Adolescentes na casa dos quinze anos. Alguns (poucos) já chegam com o perfil leitor formado, isto é, com suas preferências. São esses os alunos que se destacam praticamente em todas as áreas do conhecimento. Em tempos de (des) conexões virtuais, velocidade das buscas na rede e, sobretudo, da chamada "Geração Netflix", a Literatura representa para esses ilustres alunos desafio, catarse e, claro, descoberta de outras culturas. Os alunos que são atraídos para o universo da Literatura e das artes no geral, pertencem a outro mundo, isto porque eles experimentam a ideia contida na frase do poeta Sérgio Vaz: "Quem lê enxerga melhor". E sem sombra de dúvida chegam sim a se interessar pela escrita de anotações, compõem seus cadernos de versos, redigem seus relatos e contos. É cada vez maior a frequência de alunos se interessando pela carreira de escritor. Há muito que compartilhar dos enredos, das leituras que (de)compõem nossa existência, não é mesmo? Inconscientemente, o leitor está escrevendo o tempo todo.

~~~~ Quais são seus planos para este ano, livros, teatro, leitura?

2018 está sendo um ano de muito trabalho. Ao longo dos meses de março e abril, vamos começar a série "Conversa sobre leitura" no blog. No mês seguinte, será o aniversário de sete anos da Cena. Em setembro e outubro, teremos o aniversário do blog e do "Livros em todo lugar". E no meio de tudo isso vem lançamento por aí...

CHUVA ÁCIDA

Não sei se grito ou me calo
 Nuvens escuras obstruem a luz do Sol.
 Será que o céu é azul?
 Mãe! Ôh mãe!
 O que existe por trás dessas nuvens?
 Alguém já viu? Você já viu?
 O nevoeiro denso e a as nuvens pesadas insistem em fazer parte desse cenário.
 Há quem ainda nunca viu o Sol
 Nem sente o calor que ele gera.
 E, aquilo que não se vê e não se sente, não existe.
 Pai! Ôh pai!
 Que Sol é esse que não aparece?
 Há vento que dissipe essa escuridão, mas por hora, ainda não.
 O céu parece um teto que nos comprime!
 Por que as folhas não se mexem?
 Os pássaros já se foram há dias...
 Abafamento é sinal de chuva forte.
 Mãe! Ôh mãe!
 O que essas nuvens sustentam?
 Não pode ser só água. E não é!
 Essas nuvens estão se acumulando há milênios.
 Carregam multidões, dores atrozes e sofrimentos coletivos. Desamor.
 Pai! Ôh pai!
 A chuva que promete cair é ácida!
 Arde os olhos, queima a pele, mas não destrói a alma que é imortal.
 Será preciso cair toda, cada lágrima.
 Só assim veremos o que se chama de Céu.
 Será preciso chover muito, durante dias, anos, séculos....
 Mãe! Ôh mãe!
 Já pra dentro, filho, vai chover !
 Que chova! Que doa! Que limpe! Que se aprenda!
 O Amor é o que não permite que as nuvens se formem.
 O amor mantém o céu limpo e revela o Sol que nos aquece.
 Mãe, pai me contem uma estória?
 Senta aqui filho, vamos te contar, enquanto a chuva passa...

marconi gomes
 sportifmarconi@gmail.com



CADÊ VOCÊ?

Por onde anda
 Andando
 O poeta?

Poetizando
 Enquanto fica
 Lhe esperando...

E você?
 Tão sumida!

Ando
 Correndo,
 Cuidando da vida...

germano marotto jr

MEU VIZINHO DO
SEGUNDO ANDAR

Meu vizinho do segundo andar
 Tentou se matar,
 As razões desconheço.

Que importa
 Se espancou a empregada

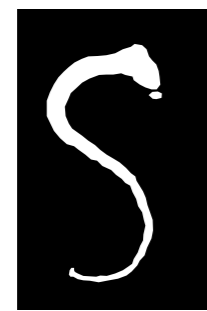
Que importa se os filhos não o visitam

Se o síndico colocou
 Advertências nos corredores

Meu vizinho solitário
 Do segundo andar está
 Onde sempre esteve...

No seu quarto de lembranças.

gibi cardoso
 gibicardoso@hotmail.com
 O livro que não se lê



Solicitação de um bêbado inconformado

ricardo costa

ricardoorcosta@yahoo.com.br
Do livro Amor & Amargor - Crônicas Agrídoces
Autor de Insanidade Plausível - Ed. Ramalhete 2017

Eu não lhes peço muito. Nem é do meu feito. Se eu mesmo puder resolver, prefiro. Gosto dessa aparente autonomia. Mas quando se trata de reconhecer certas situações sobre as quais não exerço qualquer domínio, então é preciso humildade. É preciso saber pedir. E é com vistas a tais limitações que peço a gentileza de levarem em consideração este meu pedido.

Queiram, por favor, conceder-me um pouco de contato diário com o absolutamente essencial. Levem-me até ele, se possível. Mas se não souberem onde e como encontrá-lo, permitam-me apenas que eu o procure. Porque isso é tudo que necessito para me manter sóbrio. Padeço dessa crônica carência de dignidade. Que seja em doses mínimas diárias, preciso sorvê-las com certa regularidade. Mas por mais que eu me esforce – e nem mesmo o hipotético Criador, no ato supremo da concepção do Tudo a partir do Nada, seria capaz de imaginar a dificuldade de alguém hoje em dia conseguir manter-se afastado da tentação da embriaguez permanente –, vocês insistem sempre em me resgatar desse estado fugidio de lucidez, que a vocês mais parece alienação, para me trazer de volta a essa constante bebedeira, por vocês entendida como sobriedade.

Quando encontro refúgio nos mais recônditos sentimentos, quando finalmente descubro uma trilha escondida para os mais inatingíveis recantos da alma, vocês teimam em buscar-me. Parece que precisam constantemente de mim. Ou acham que podem me ajudar. Vocês têm essa obstinação pelo salvamento das almas arredias, essa ânsia por torná-las acessíveis e totalmente integradas ao mundo dentro do qual se sentem confortáveis. E eu só lhes sirvo assim, completamente bêbado como vocês, num estado padrão de entorpecimento pelo qual sou

mais facilmente reconhecido, com o qual sabem lidar e no qual são viciados.

Começa sempre assim, com uma voz, o primeiro copo. Alguém que precisa quebrar o encanto lúcido do silêncio em que paio imerso. Alguém a quem é devida uma satisfação, uma resposta, uma palavra amiga ou simplesmente educada. Alguém a quem dar atenção, a quem falar sobre o ontem e o amanhã, a quem dizer e de quem ouvir coisas que talvez pudessem nunca ser ditas nem ouvidas. Nem sequer pensadas. E pronto, só em pensá-las já me vejo caindo novamente na bebedeira.

Surgem então os compromissos inadiáveis. As providências irrelevantes a serem tomadas tempestivamente, as decisões insignificantes que exigem uma reflexão mais aprofundada. Pode ser um aparelho doméstico de rara utilidade carente de reparos, uma conta de serviços desnecessários a ser necessariamente paga antes do vencimento, um item supérfluo esgotado na despensa, enfim, uma dessas obrigações importantíssimas que se fazem perfeitamente dispensáveis. Pode ser até mesmo um desses grandiosos e inúteis projetos pessoais de vida, com data marcada para começar, cuja concretização virá inevitavelmente lançar-nos num vazio existencial a clamar pela urgente elaboração de novos projetos. Ou pode ser ainda uma pequena atenção, de valor inestimável e custo irrisório, a ser destinada a quem se preza, mas cuja singeleza vem quase sempre abafada pela aparente grandiosidade dos projetos inúteis.

Depois vêm as tecnologias. A imagem hipnótica da TV, o toque perturbador do telefone, a música contagiante do aparelho de som, a liberdade ilusória do automóvel, para mencionar apenas algumas das tecnologias clássicas. Sem

falar da letargia a que levam os artificios progressivamente miniaturizados e do desvario dessa enormidade potencial da Internet acompanhada por suas inesgotáveis bobagens grudentas. Essas coisas exercem um poder de atração contra o qual nem penso em lutar. Seria derrota na certa.

Por fim, surge o famigerado relógio, esse déspota intratável, instituidor de regras inegociáveis. E com ele a fome, o sono, e as demais urgências fisiológicas. As minhas e as dos outros. Sim, porque a fralda do garoto tem de ser trocada, o banho tem de ser dado, e sua fome, aplacada. E a sede. Sede de atenção, de brincadeiras, de aprendizado, sede de vida. E se a mulher, por sua vez, há muito já troca suas próprias fraldas, ela também tem sede de amor. Sede de gestos, sede da palavra. A palavra que tão pouco lhe sei oferecer. Muitas vezes, melhor lha negar totalmente a expô-la ao desprazer da palavra mal escolhida.

E assim vão-se desvanecendo as perspectivas de, ainda que somente por alguns instantes, afastar-me dessa ordinária embriaguez coletiva que me consome e aturde.

Por isso, peço a todos vocês um pouco mais de apreço e comiseração. Peço compreensão para com esse estado raro de sanidade que me acomete. Não destruam levemente a serenidade daquele silêncio que está sempre à minha procura. Peço às vozes, aos compromissos inadiáveis, às tecnologias e ao famigerado relógio. Não me tirem a oportunidade de tentar pairar sobre a vulgaridade do desnecessário. Permitam-me estar sóbrio no isolamento da minha inebriante lucidez. Não tentem me ajudar, mesmo acreditando que preciso de sua ajuda. Peço apenas que, por favor, não me procurem. Eu os procurarei.



volução

júlio silveira

j-c-silveira@uol.com.br

Eu não entendi os motivos daquela correria regada a lágrimas que tomava todos os cantos da casa. O meu avô acabara de morrer. Disto eu sabia. O que me escapava, já que ninguém tinha tempo para desperdiçar com explicações, era o porquê dos cochichos e das pálidas mãos femininas levadas à boca, refreando exclamações. Aquilo tudo me botava entediado. Subi na mangueira que cobria a porta da cozinha e deixei o tempo correr.

Mais tarde, tomei conhecimento da causa de toda aquela agitação e, bem mais tarde, da sua importância para a dignidade e honra da família.

A morte do meu avô, vítima de um irrequieto cavalo que voltou só, pegou de surpresa todo o mundo, incluindo o Seu Sadala, dono do único armário da cidade. O estoque de tecidos pretos em suas prateleiras estava mingado, mal dava para a feitura das braçadeiras para os homens. As gavetas estavam vazias das rendas que costumavam dar vida nova a vestidos velhos. Um desastre. Com que cara as mulheres da família iriam receber os amigos pesarosos? Numa ocasião daquelas, não ficava bem usar roupa batida.

O Juarez viajou às pressas para buscar mais pano e os aviamentos necessários. “Vai e volta no mesmo rastro”, foi a ordem que lhe gritaram e que nem mesmo sei se ele ouviu direito, tamanha a pressa.

Dona Dulce, Marília e mais duas ajudantes ficaram de prontidão. Todas as medidas tiradas e todos os



modelos rabiscados. Tão logo o Juarez chegasse com as encomendas, elas começariam a riscar, cortar e costurar as roupas femininas.

O pudor mantinha as mulheres fechadas nos quartos. Uma ou outra, por motivo justo, jogava um xale preto por cima de um vestido caseiro, baixava a cabeça e atravessava a sala correndo. Uma afronta ao defunto da família. Fazer o quê? Alguém tinha que garantir o andamento da despedida do patriarca, incluindo a produção dos pães de queijo, das brevidades e de outros quitutes.

A perda de um parente era acontecimento sério, exigia o luto fechado, dos pés à cabeça. Só variava a duração: viúva, um ano; filha, seis meses; irmã, três. Os homens, também eram cobrados: terno escuro durante o funeral; uma braçadeira preta por algumas semanas. Até vizinha pagava tributo, bem leve, é bom que se diga. Bastava se mostrar no velório, toda compungida, o vestido preto bem cuidado e bem treinado. Depois do enterro, mudava-se um ou outro acessório e a vestimenta estava pronta para se despedir de outro cadáver ilustre.

Algum tempo depois, quando morreu o meu tio, o luto feminino já havia sido abrandado, resumido ao véu preto que cobria as vastas cabeleiras e mal tocava os ombros. Os homens, discretos no contar os ganhos nos negócios e nas anedotas, traziam um laço de fita preta, bem fininha, preso na lapela do paletó. Tudo muito mais simples, além de breve. No retorno do cemitério as peças eram guardadas, cuidadosamente, em sacolas cheirando a naftalina.

E o tempo continua seu trabalho de coveiro de hábitos e de costumes. Por esses dias morreu um conhecido, gente muito importante. Os parentes e amigos chegavam em roupagem de cores alegres. O clima de festa só era desmentido pelos óculos escuros, o novo símbolo do sentimento da perda de uma pessoa de bem. Por enquanto.



(31) 3221.7473 / WhatsApp: (31) 98316.5228

facebook.com/livrariaouvidor - instagram.com/livraria_ouvidor
Rua Fernandes Tourinho, 253 – Savassi - BH - MG



| | |
|------------------------|----------------------|
| Editor | Álvaro Gentil |
| Jornalista responsável | Fernando Righi Marco |
| Revisão | Victória Andery |
| Programação visual | Marcelo Xavier |
| Produção editorial | Délio Esteves |
| Tiragem | 1.000 exemplares |
| Impressão | Fumarc |

R. Domingos Vieira, 319, sala 1008 - S. Efigênia, BH
(31) 2535-1901 / 99579-7279
www.editoraramalhete.com.br